



PABLO DE SOTO + LOT AMORÓS  
#DRONEHACKADEMY

PORTFOLIO

## Olhos no céu, políticas da terra

**Fernanda Bruno**

Construir drones e sobrevoar com eles cidades, territórios e populações são operações que fazem parte do espectro da guerra, do controle, do entretenimento e dos negócios que hoje alimentam uma indústria que cresce vertiginosamente. Este espectro, ou esta matriz, não podem ser esquecidos nem silenciados nas práticas artísticas e ativistas que se apropriam dos chamados veículos aéreos não tripulados, ou drones. A #DroneHackademy ingressa nessa arena difícil que é a de enfrentar e subverter essas duas pontas da matriz 'drônica' contemporânea - a violência extrema, de um lado, e o fascínio vazio dos modismos e empreendedorismos que entretêm os seus chamados usos civis, de outro. O plano de vôo implicou, portanto, se confrontar materialmente, cognitivamente, esteticamente e politicamente com os drones, produzindo estratégias de pesquisa, intervenção e criação que fossem permeáveis aos problemas que enfrentam e às experiências que geram.

Nesta direção, um primeiro cuidado na constituição de uma #DroneHackademy foi o de reunir um grupo de pessoas suficientemente heterogêneo, capaz de alimentar perspectivas diversas sobre o processo de construção e de uso sociotático dos drones. Em junho de 2015 um grupo de estudantes, pesquisadores, ativistas, desenvolvedores de diversas áreas de atuação e com trajetórias e pertencimentos sociais e institucionais distintos reuniu-se por uma semana no MediaLab.UFRJ com uma agenda de atividades múltipla. Além de conhecer e problematizar juntos o já vasto mundo destas máquinas voadoras e videntes, o aprendizado envolveu toda uma arte de fabricar tais objetos. Aqui, o confronto material que apontamos envolveu um segundo cuidado: a utilização de tecnologias livres e de código aberto na construção de flones, que na língua inglesa condensa o verbo voar (to fly) e o objeto smartphone para criar um flying phone capaz de voar e de capturar imagens fotográficas e de vídeo. Um drone um pouco mais próximo do bolso e do controle dos indivíduos e cuja tecnologia e conhecimento são produzidos segundo uma política de abertura e compartilhamento.

Se o futuro próximo nos reserva um céu povoado de drones que nos perscrutam desde o alto, a aposta é a de que o espaço e a perspectiva aérea não sejam dominados por estados e corporações, mas possam ser disputados por práticas que explorem vias estéticas e políticas alternativas. A aposta não é sem risco, pois, entre outras coisas, a imagem de sobrevôo guarda relações históricas e materiais com uma visão de domínio, cálculo e controle. Um terceiro cuidado portanto, de ordem estético-política, consistiu em explorar os limites e potencialidades da visão drônica para ações sociotáticas na cidade do Rio de Janeiro.

De que modo ver a cidade desde o alto pode ser um meio de questionar ou mesmo subverter as fronteiras do controle, em vez de reforçá-las? Um meio de expor os conflitos e tensões da cidade, em vez de silenciá-los. Um meio de perturbar o espetáculo visual da cidade maravilhosa e seus projetos olímpicos, em vez de reiterá-los. A escolha por realizar, a partir dos drones, uma cartografia aérea da Vila Autódromo, comunidade ameaçada de remoção pela Prefeitura do Rio de Janeiro, foi acompanhada por estas questões e pela urgência que assola os moradores desta comunidade. Situada há mais de quarenta anos na Baixada de Jacarepaguá, Barra da Tijuca, a Vila Autódromo é uma comunidade auto-construída a partir de uma vila de pescadores. Ameaçada de remoção pela Prefeitura desde os anos 1990, alegando-se os mais questionáveis motivos, inclusive, “dano estético e ambiental” (sic), esta comunidade, cujas famílias têm seu direito constitucional de moradia regularizado, vive agora um momento limite. No seu entorno cresce o Parque Olímpico e com ele uma violenta política de remoção, que já reduziu a comunidade a menos de um terço do que ela era no início de 2014. A produção de uma cartografia aérea a partir de drones, negociada desde o início com a comunidade e a ela entregue, busca de algum modo devolver às famílias que ali resistem e permanecem esta imagem que revela a devastação de seu território, esta imagem que lhes é devida, e que ao mesmo tempo pode ser um instrumento de luta, persistência e reinvenção dessas vidas no lugar que lhes é próprio. O olho maquínico decola para que o lugar permaneça.







rio40caos

**MANOEL BAHIA**  
MÁRTIR DA OCUPAÇÃO VITÓRIA



**SEMPRE PRESENTE**





Pedigree  
VITAL  
PESO  
20 kg













## PABLO DE SOTO + LOT AMORÓS

ESTE PORTFOLIO FAZ PARTE DO DOSSIÊ TECNOPOLÍTICAS E VIGILÂNCIA COORDENADO POR FERNANDA BRUNO PARA A REVISTA ECO-PÓS.

FOTOGRAFIAS POR DOUGLAS MONTEIRO, CRYSTIANO MAGALHÃES, LUIS GOMEZ, PABLO DE SOTO, VITO RIBEIRO E THERESA DENISE WILLIAMSON.

O LABORATÓRIO CIDADÃO #DRONEHACKADEMY RIO DE JANEIRO FOI REALIZADO EM PARCERIA COM MEDIALAB.UFRJ E APOIO DA REDE LAVITS E DA FUNDAÇÃO FORD. PARTICIPARAM DOUGLAS MONTEIRO, ELISA VIANNA, MARLUS ARAUJO, CRYSTIANO MAGALHÃES, LUIS GOMEZ, RODRIGO DUTRA, RODRIGO R. SILVA, VINICIUS ALVES, ANNA NATALE E ADRIANO BELISARIO.

CARTOGRAFIA AÉREA DA VILA AUTÓDROMO POR PABLO DE SOTO, DOUGLAS MONTEIRO E MARLUS ARAUJO EM PARCERIA COM MEDIALAB.UFRJ E COLABORAÇÃO DE NATALIA PACENA, REJANY FERREIRA, MARIANA MEDEIROS E MORADORES DA COMUNIDADE LOCAL.



[DRONEHACKADEMY.NET](http://DRONEHACKADEMY.NET)